

Assim como naturalizamos algumas das situações vivenciadas em sociedade ao longo da história, como a pobreza, a guerra, as diferenças sociais, o analfabetismo, tendemos também a naturalizar, no sentido de que, nos parece que sempre existiram como são no momento em que as percebemos, as “cidades” como conceitos, as “cidades” como produtos de uma história, também do tempo presente, mas principalmente como produtos de uma longa duração, as cidades enfim são com seus elementos fundantes, os espaços, as circulações, suas culturas nos espaços e dos espaços, suas arquiteturas, e, como nos mostrou de forma clarividente Milton Santos, suas “rugosidades”, suas marcas, suas transformações, enfim, as cidades são o objeto privilegiado das possibilidades de estudos “interdisciplinares”.

As cidades estão contidas em processos históricos muito longos e diversificados que as transformaram em relações que foram avançando e recuando de acordo com as circulações dos produtos, das técnicas, das tecnologias e das inteligências, de modo que cada cidade possui suas especificidades, mas todas estão inseridas, contidas dentro de um processo maior que foram as expansões dos sistemas de produção e circulação da vida social. O tamanho das cidades e suas funcionalidades como nos mostrou Max Weber, não determinam as suas complexidades e suas tendências de consolidação como atividades portuárias, militares, religiosas, mas a existência do mercado e das circulações dos capitais sim, são capazes de influenciar as relações que ali se vão construir dentro de um determinado tempo de existência daquele modo de viver a cidade.

Autores diferentes chamaram estes processos de forma diferentes, das cidades que produzem o conhecimento da inteligência, como Henri Lefebvre denominou as que possuíam a “vida urbana” definida pela presença da produção do conhecimento e do pensamento, portanto da política, às cidades cujos processos são capazes de produzir o “conhecimento do conhecimento”, ao possibilitarem os meios de existência da complexidade e suas condições, como sugeriu Edgar Morin.

Esses processos não são lineares, e quase sempre foram conflituosos porque a vida social que era dentro e fora das cidades produtora dessas relações possuía desiguais condições de apreensão desses processos que como dissemos no início do texto eram e são vividos como “naturais”. As chamadas condições cidadinas das “classes trabalhadoras” nas e das cidades como nos mostraram autores muito diferentes desde Friedrich Engels. Os estudos das cidades se diversificaram e incluíram olhares para as relações da vida social no espaço das cidades, na vida que vivida ali, naqueles espaços e

---

condições de organização das relações daquela forma um pouco que “homogeneizavam” e amplificavam os efeitos daquele novo modo de produção que se organizava desde o Renascimento.

As artes, a poesia, a pintura, o teatro, tudo na vida das cidades se orientava para uma individualização do coletivo, e assim sendo, os tempos da vida social foram mudando e transformando as relações entre os homens. As percepções diferentes dos tempos da produção dos corpos e dos seres contribuiu para que as diferenças de condições de produção da vida fossem notadas e as condições políticas e econômicas dessa produção fossem questionadas. Outros autores com Norbert Elias, Georg Simmel e Walter Benjamin perceberam e descreveram as transformações das formas de ser e estar nas cidades e nos produtos dessas novas organizações.

Cabe, no entanto, uma lembrança, esses processos que estamos aqui descrevendo para contextualizar nosso número da Revista Contracorrente aconteceram em uma parte do mundo muito específica e restrita, a Europa, e temos de fazer justiça ao fato de que muito antes em muitos lugares, grandes cidades viviam processos muito parecidos e que não geraram as mesmas consequências o que mostra que as peculiaridades de cada tempo e lugar da história são importantes e carregam outras formas de construção do entendimento das cidades, e do mesmo modo autores existem que nos podem guiar para entender estes processos como Serge Gruzinski, Andreas Huyssen e o historiador e diplomata brasileiro recém falecido Alberto da Costa e Silva.

Os processos da história, agora ampliados em formas globais de produção e circulação dos capitais econômicos e políticos, com uma constante e nociva tendência de enfraquecimento das formas de relação dos seres sociais com suas formas de governo, dominados que somos pelas formas de produção da vida social, dominação baseada nas novas tecnologias e na velocidade e efemeridade de produção e validação dos discursos de explicação da vida social, tudo isso contribuiu para que a vida se produza a partir de uma autonomia dos indivíduos em relação ao coletivo, processos muito bem analisados por autores como Christopher Lasch, Mark Fisher, Jonathan Crary e Mike Davis. Mas temos de ter esperança e otimismo. Há formas de compreensão críticas destes processos e pensamento inovador sobre o tempo presente.

Os modos de construir discursos críticos foram muito enfraquecidos, mas ainda resistem e as reflexões contidas nos artigos desse número especial da revista Contracorrente são uma prova de que é possível de forma

interdisciplinar e articulada construir um pensamento crítico sobre o esvaziamento da experiência de narrar a vida social na e das cidades. A nossa forma de combater os “mundos sem lugares e os lugares sem mundo” do tempo presente, é nos inspirarmos em autores como Michel Lowy e Eduardo Viveiro de Castro que lutam com suas ferramentas para que não nos esqueçamos de que o tempo não acabou e não para. Este número é dedicado aos grandes pensadores Enrique Dussel e Antonio Negri.

Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle